

ONG prevê crescimento de madeireiras

Empresas devem invadir a Amazônia depois da reversão de fatores econômicos no País

Jamil Chade
de Brasília

O número de madeireiras atuando na Amazônia deverá crescer cerca de 25% em 1999. A informação é do Greenpeace, que atribui o aumento a dois fatores: a desvalorização do real e a recuperação das economias do sudeste asiático. "Empresas asiáticas que planejavam entrar no País em 1995 e foram surpreendidas pela crise financeira no Japão e nos Tigres asiáticos, estão voltando", diz o coordenador do escritório do Greenpeace em Manaus, Paulo Adário.

A entrada de multinacionais no Brasil vem ocorrendo com maior intensidade desde 1995, pois "à medida que os estoques de madeira na África e Ásia foram diminuindo, a atratividade do Brasil cresceu", explica Adário. Ele destaca que as empresas estrangeiras chegaram a comprar madeireiras brasileiras, mas a velocidade da entrada dessas empresas diminuiu e hoje são 27 atuando na Amazônia, principalmente asiáticas e européias. No Amazonas, por exemplo, das oito maiores madeireiras, quatro são européias (Gethal, Mil Madeireira, Brasport, Agromadeiral), duas malaias (Carolina e

Amaplac), uma de Hong-Kong (Compensa) e até mesmo uma estatal chinesa (Cifec).

Segundo o Greenpeace, em 1995 a entrada não foi maior porque as empresas bateram de frente com a sobrevalorização do real a crise na Ásia. Adário ainda ressalta que as empresas se surpreenderam com a resistência que enfrentaram ao entrar no País. A situação atual, porém, é distinta. "O cenário é preocupante pois além da reversão desses fatores (real desvalorizado e a economia asiática estável) há uma redução do estado na vigilância", diz Adário. Ele lembra, a propósito, que para 1999 o orçamento do Ibama sofreu um corte de 50%.

O coordenador da ONG aponta

que "os madeireiros são responsáveis pelo desmatamento, mas o governo também é".

O vice-governador do Amazonas, Samuel Hannan, se defende e destaca que o estado possui leis ambientais rigorosas e o número de empresas estrangeiras no estado é bem menor que no restante da Amazônia. "Recebemos propostas de empresas, mas não as acolhemos, pois nosso maior patrimônio é a floresta", diz. O Amazonas é considerado o futuro alvo das madeireiras, pois os estoques de madei-

ra ainda são muito grandes, comparado aos demais estados da Amazônia Legal.

Os dados sobre o número de empresas do setor madeireiro na Ama-

zônia são imprecisos, mas segundo o Greenpeace, 29 milhões de metros cúbicos de madeira e tora foram extraídos da floresta brasileira em 1997 e, ao contrário do que se pode imaginar, 85% foram consumido pelo mercado nacional. "Somos nós mesmos que destruímos", diz Adário. Já o pesquisador do Ibama, Antônio Carlos Hummel, aponta que o setor gerou, somente em 1992, cerca de 4 mil empregos diretos.

A solução apontada por ambientalistas é o incentivo a empresas que queiram implantar um sistema de manejo sustentável de suas áreas, além da criação de uma demanda de madeira certificada, exigindo que as empresas saiam da ilegalidade. Segundo a ex-Secretaria de Assuntos Estratégicos, 80% das madeireiras na Amazônia são ilegais.

"Temos que começar a implementar políticas que valorizem a floresta em pé", diz Hummel, que ainda destaca o fator cultural como uma questão importante. "Os germânicos, por exemplo, consideram sagradas as florestas", diz. Para o vice-governador do Amazonas é necessário que a hipocrisia nacional e internacional acabem.

Madeira		
Volume de toras produzidas na Amazônia Brasileira (1997)		
Estado	Toras (em milhões de m³)	% do total
Pará	13,5	45,8
Mato Grosso	9,8	33,2
Rondônia	3,9	13,2
Maranhão	0,7	2,4
Amazonas	0,7	2,4
Tocantins	0,1	0,3
Acre	0,4	1,4
Amapá	0,3	1,0
Roraima	0,1	0,3
Total	29,5	100,0

Fonte: Veríssimo e Lima (1998)

14/09/99
SM
A-8
DOCUMENTAÇÃO